ESCULTOR

ESPIGA

EXPOSIÇÃO: MOEDAS, MEDALHAS, TROFÉUS E ESTUDOS INÉDITOS

VILA VIÇOSA

GALERIA AQUI D'EL ARTE
Centro de Estudos CECHAP

1 OUT - 1 DEZ

ESCULTOR

ESPIGA

EXPOSIÇÃO: MOEDAS, MEDALHAS, TROFÉUS E ESTUDOS INÉDITOS

Ficha Técnica

Artista
Espiga

Título da Exposição
Escultor ESPIGA: Moedas, Medalhas, Troféus e Estudos Inéditos

Data
1 de outubro a 1 de dezembro de 2022

Comissariado
Carlos Filipe
Carlos Pernas
Ana Cravo
Conceição Cordeiro

Nota de Abertura
Carlos Filipe: *Espiga, Semeador da Arte (1940-2014)*

Texto de Apresentação
Ana Cravo; Conceição Cordeiro: *Uma Aproximação a Ars-Vitae e ao Mister da "Medalha Equídea"*
Carlos Pernas: *ESPIGA (de Viçosa): Moedas e Medalhas*

Direção Artística
Ana Cravo
Conceição Cordeiro

Direção de Produção
Carlos Filipe

Assistentes de Produção
João Pires Lopes, Olga Nikolova, Luís Fidalgo - CECHAP

Design Gráfico
Carlos Pernas

Comunicação
Olga Nikolova

Projeto | Cofinanciamento
Artes & Letras Alentejo
Código do projeto |
ALT20-06-5141-FEDER-001146

Agradecimentos
Aurora Sá da Bandeira
Leonardo de Melo Gonçalves

ISBN: 978-989-53698-4-3

© 2022 *Galeria Aqui D'El Arte, Artes & Letras*, CECHAP

***Espiga, Semeador da Arte* (*1940-2014*)**

O Centro de Estudos (CECHAP), através do seu projecto cultural e científico *Artes & Letras Alentejo* (*A&LA*), vai dedicar nos próximos tempos um espaço para estudar, conhecer e difundir a obra de um filho de Vila Viçosa, um dos mais expressivos artistas plásticos alentejanos dos séculos XX e XXI. Referimo-nos ao pintor e escultor Espiga Pinto, multifacetado artista calipolense, criador de uma obra de excelência universal, ainda que pouco conhecida entre o público em geral.

Por decisão da coordenação do projeto (*A&LA*) foram desenvolvidos contactos com os filhos do homenageado, para que fosse possível realizar uma exposição sobre medalhas moedas, troféus e estudos inéditos, em Vila Viçosa, trinta anos depois da última exposição que Espiga Pinto apresentou, aqui onde viveu, sua terra natal – Vila Viçosa.

Consideramos que Vila Viçosa tem uma dívida para com a memória de Espiga Pinto, homem que idealizou deixar a sua obra numa fundação dedicada às artes em Vila Viçosa, processo que terá sido negociado ao tempo do Presidente da Câmara Municipal, o Sr. eng.º Caldeirinha Roma.

A exposição, que hoje se inaugura na Galeria Aqui d'El Arte, é fruto do entusiasmo e conhecimento de Carlos Pernas, um dos melhores e reconhecidos especialistas em Portugal na medalhística e numismática.

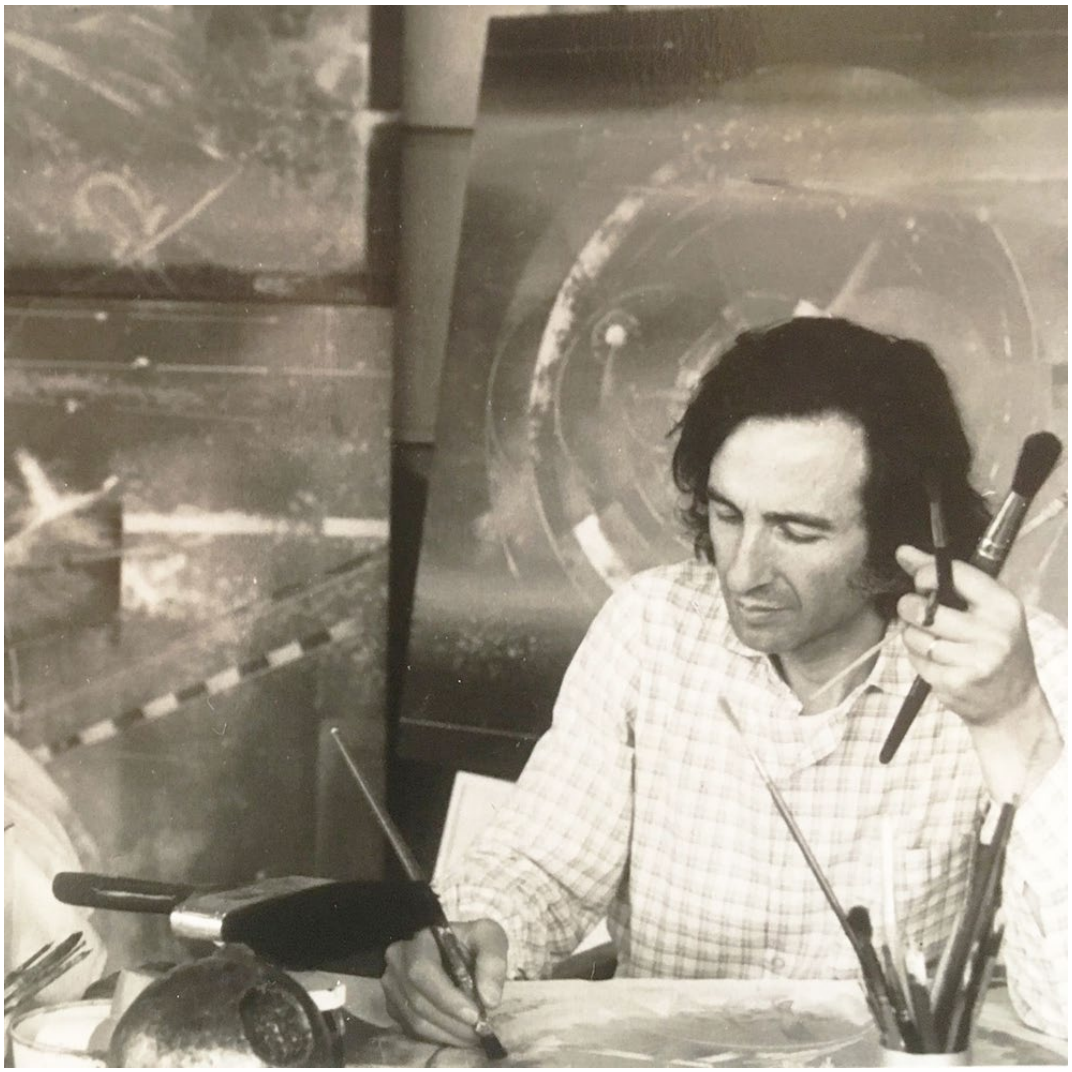
O evento conta com a direção artística das pintoras Ana Cravo e Conceição Cordeiro, a quem agradecemos pela sua experiência, dedicação, conhecimento estético especializado em Belas Artes.

A esta exposição de arte ***Escultor Espiga: Moedas, Medalhas, Troféus e Estudos Inéditos*** associam-se entre outras entidades a Câmara Municipal de Vila Viçosa, numa sessão inaugural, seguida de uma mesa-redonda com a honrosa participação dos filhos do homenageado, Aurora Sá da Bandeira e Leonardo de Melo Gonçalves e o historiador Joaquim Saial, o escultor João Duarte, com moderação do jornalista Vasco Garcia. A todos apresentamos os nossos reconhecidos agradecimentos.

O projeto Artes & Letras Alentejo promove o património imaterial, a herança artístico-cultural, valorizando o turismo nos concelhos de Borba, Estremoz e Vila Viçosa.

Esta mostra, ***Escultor Espiga: Moedas, Medalhas, Troféus e Estudos Inéditos*** decorrerá em Vila Viçosa, de 1 de outubro a 30 de dezembro de 2022 e será o ponto de partida para um projecto que contará com um estudo sistematizado, acompanhado por diversas acções de divulgação, evidenciando a obra dedicada à pintura, escultura e outras artes de José Manuel Espiga Pinto, no lugar que lhe é devido - o de artista plástico inserido na terceira geração de artistas modernistas do Portugal Contemporâneo.

Carlos Filipe
ARTIS-IHA | FLUL | CECHAP



José Manuel Espiga Pinto

1940 — 2014

Aspecto da exposição, Galeria *Aqui D'El Arte,* CECHAP.

Nota Biográfica

José Manuel Espiga Pinto (1940-2014) - ou ESPIGA - foi um dos mais consagrados e completos artistas portugueses da segunda metade do século XX. O historiador de arte José Augusto França coloca-o na "terceira geração de artistas modernistas portugueses".

Fascinado pela Renascença Europeia, foi ele próprio o exemplo de criação artística em áreas tão diversas como a pintura (Prémio Academia de Belas Artes de Lisboa), o desenho, a escultura (Prémio Marconi, 1992), o design gráfico, a cenografia (Prémio Bienal de São Paulo, 1973), a numismática, a medalhística (Prémio Coin of the Year, 1998, EUA), a gravura, entre outros.

Nasceu em Vila Viçosa durante a 2ª Guerra Mundial, em 1940, e expôs precocemente numa galeria local, aos 15 anos, obras representando cenas da vida rural do Alentejo. Esta temática alentejana - festas, romarias, a mulher ceifeira, o cavalo - irão influenciar toda a sua obra. Aos 18 anos, em 1958, fez a primeira de mais de 80 exposições individuais, que teriam lugar em prestigiadas galerias de Lisboa e do Porto, assim como no estrangeiro.

Viajou nos anos 1960 - por Nova Iorque, estudou nos anos 1970 em Munique, Estocolmo e Paris como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Desafiou o autoritarismo do Estado Novo numa emblemática e elaborada performance artística intitulada Egotemponírico em 1972, no Porto e em Gaia (Casa de Valadares) - considerada pelo crítico de arte Egídio Álvaro como uma "peça essencial na história da performance nestes anos em Portugal".

ESPIGA criou e realizou filmes de ficção científica para a RTP, foi autor de peças de grafismo que incluem o logótipo da Valentim de Carvalho, livros educativos (Porto Editora), inúmeras capas de livros (Ulisseia), assim como de medalhes e moedas comemorativas, estas últimas emitidas pela Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Foi professor no IADE nos anos 1980, a convite do seu diretor António Quadros e liderou, nesse mesmo período, uma oficina de desenho experimental.

É reconhecido pela sua extensa obra pública em Portugal: grandes murais de pintura (Tribunal do Redondo), altos relevos escultóricos (Hospital de Abrantes) e esculturas em bronze e pedra, presentes principalmente nos concelhos de Oeiras e Lisboa. Foi ainda o autor dos pavimentos em calçada portuguesa da Praça de Portugal em Brasília, recentemente restaurados.

ESPIGA foi ainda membro da Academia Nacional de Belas-Artes. Está representado nos principais museus de Arte de Portugal, nomeadamente no Centro de Arte Moderna, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Coleção Berardo, Museu de Serralves, Museu do Desporto e em colecções institucionais e particulares em Portugal, Espanha, Angola, Brasil, Suíça, Reino Unido, França, Estados Unidos, entre outros.

Espiga, *Medalha do Aeroporto de Faro*, 1983.
Bronze Ø 80 mm (s/base). Fonte: coleção Carlos Pernas.

Uma Aproximação a Ars-Vitae e ao Mister da "Medalha Equídea"

Espiga, Espiga Pinto, artista multidisciplinar, escultor, pintor, ilustrador, cenógrafo, figurinista, performer, nesta exposição desenhador de medalhas, moedas e troféus, abre um mundo da representação e da plasticidade que se presentifica nos metais, com a força subjacente ao seu criterioso modo de operar através do estudo e da inserção no espaço de um sistema de representação: o cunho e a traça singulares unem cada obra numa perspectiva de geometria sagrada. Acontece que esta geometria não explora apenas o espaço, mas medeia a espácio-temporalidade que, no seu saber, conduzido pelo estudo de fontes antigas, tais como as pitagóricas e clássico-renascentistas, é singularmente significativa no modo como nos dá a ver o movimento das figuras na Forma. O autor designa um lugar para cada figura, numa analogia à possibilidade de as inscrever num cânone que é modelo arquetípico da ideia de como o pequeno e a telúrica vida do ser é reflexa de uma manifestação do grande e infinito cosmos e da lei de Hermes Trismegisto - «o que está em baixo é como o que está em cima». Deste modo, a propósito de qualquer tema, as figuras de Espiga são símbolos de uma imagética da vida, na sua manifestação infinita de ritmos circadianos.

Citando as suas palavras: «Eu pratico uma alquimia de transformação do ser em outras metamorfoses» (Espiga:1994,35).

A sua *Ars* é ritual, processo para aproximação ao todo, módulo e repetição que na mente e nas mãos do artista comporta uma travessia singular pelo drama que, assim, o une a uma sorte insigne, à epopeia do ser artista. Há que anotar como o caminho do artista congrega a humildade de ousar perspectivar uma união ao todo com o emprestar a sua vida a um aturado exercício, ao encontro da Forma, da escala de aproximação a uma dimensão superior. Esta dimensão do sagrado, da geometria como traçado "alquímico de metamorfose do ser" (*idem, ibidem*), abre em qualquer um de nós um êxtase de beleza dinâmica, que se estende como curiosidade acerca de como o autor a engendra.

Digamos que a obra nos deixa num face-a-face, num reflexo do seu olhar siderado perante os enigmas da Terra e do Cosmos. Na verdade, e não obstante a nossa distância ao seu significante saber, esta é uma condição prímula de aproximação ao mister da arte ou ao mister da obra de arte, no sentido peculiar que Espiga designa como *Uma Forma de energia em "mentascosmunicação"* (*idem,ibidem,*). A ideia do cosmos como fundamento universal tem raízes muitos profundas que reúnem a transmissão oral com cultos e rituais que anotam qualidades do homem para um aperfeiçoamento do conhecimento e da sua comunicação. A ideia de "*Mentascosmunicação*" é inerente aos títulos de outras das suas obras plásticas, que premeiam a consciência que Espiga tem de si enquanto peregrino de uma à *Ars-Vitae*, num paralelo ao lema dado aos iniciados

Pitagóricos: «[…]10 Dize: "(Sou)" filho da Terra e do Céu estrelado» (Adelphi:2001, p.40-1) e ao peripatético seguir dos discípulos do Liceu Aristotélico: «Com os pés na terra e a cabeça no céu». Contudo, temos de pensar também como Platão, nos seus diálogos, toma alguns dos fundamentos pitagóricos, escrevendo sobre os fios do universo que acordam o homem sobre a imortalidade da alma e a possibilidade do ser ter a virtude da reminiscência da ideia (Platão: Menon,82a). E pressupõe também a anamnese e o valor da geometria. «[…] *se sempre o possuiu, sempre foi e continua a ser um sábio. Se o recebeu em qualquer altura, não o terá recebido certamente na presente vida. Ou alguém o ensinou a ser geómetra?*» (PLATÃO, Ménon, 85d-e). A importância que Espiga confere à esfera e às suas projecções representativo-simbólicas como figura de união ao todo, é um processo que permite ao autor versar imagens inscritas em constantes de proporcionalidade e séries de progressão das figuras-número. Estas são significantes de uma imutável relação entre os seres e o cosmos que encontram a alquimia do lugar que o artista pontua, do sistema que ordena a forma que se desenvolve, por meio do compasso, para a metamorfose. No dizer de Theon de Esmirna:

> *«A Unidade é o princípio de todas as coisas e domina tudo o que existe. Todas as coisas emanam dela e ela emana de coisa nenhuma. É indivisível e imutável e nunca se afasta da sua natureza própria pela multiplicação. Tudo o que é inteligível e está por criar existe na Unidade.»* (Theon de Esmirna, *Apud* Pereira:s.d 34.)

O saber ou o logos que a gnose platónica vem deixar testemunho escrito sobre escolas anteriores, como explica Trindade dos Santos. Antes de Sócrates, a forma e o número eram consideradas numa relação geradora de coisas ou princípio de metamorfose: «por meio de pedrinhas e de traços o homem descobriu como o número opera na manifestação da figura, tais como as que se alinham no espaço para uma visão de uma progressão de 1 + 1 para modelos triangulares, de 1 +2 para quadriláteros e de 2 +2 para oblongos». (Trindade dos Santos:1992, 208).

Fig. 1 – Fotografia de 3 conjuntos das figuras-número: triangular, quadrada e oblonga, conforme ilustração gráfica de Trindade dos Santos (*idem. ibidem*). Neste caso, foram usadas pedras e desenhadas as linhas, riscando sobre um fundo arenoso. Fonte: Ana Cravo.

Mas a ordenar o caos importa o mesmo princípio inerente a toda a experiência estética que se processa também para criar/presentificar uma unidade ao todo, tal como numa escala musical em que os intervalos estabelecem uma relação proporcional, reflexa da relação harmónica entre os astros, comnhecida como *música das esferas*. Podemos dizer que na sua origem pré-clássica, greco-romana e renascentista a figura-número herdou paradigmas de um logos reminiscente de uma construção de cânones do belo ou mesmo de uma beleza-trágica, se pensarmos que o caos faz parte da matéria gnosia e sensível que insta atravessar e transformar em harmonia.

Em sentido introdutório a uma tentativa de enquadramento deste insigne calipolense no universo da arte, lembramos como a Ideia, o Belo, a Forma e a Geometria Sagrada eram caras ao artista, tal como aos artistas da *Renascença* e congregam o seu espírito estudioso, o seu carácter magnânimo e multidisciplinar com uma *ars-vitae.*

A Forma e a metamorfose na "medalha equídea"

O cavalo, forma que aparece transversalmente na obra de Espiga, surge nesta medalha da Sociedade Financeira Portuguesa (1987), como retrato da sua matriz alentejana, como forma, símbolo de beleza, de nobreza e de força.

Fig. 2 – Espiga, Pinto, *Medalha da Sociedade Financeira Portuguesa* (frente e verso), 1987. Bronze, Ø 100 mm. Fonte: Carlos Pernas.

Nesta medalha de Espiga, propomos uma leitura para a sua complexa composição gráfica: segundo Bouleau:

> *«a noção de círculo impõe a noção de centro. O centro e a circunferência provocam um movimento de rotação e de dinamismo. Por outro lado, o centro de um círculo não é uma mancha, mas sim um ponto: trata-se da interseção de diâmetros. Encontramos assim uma concepção nova de quadro circular (tondo). O círculo não cria apenas um limite, cria uma figura geométrica plana, apta a organizar-se. O círculo possui diâmetros e um centro. Poderemos inscrever nele um triângulo»* (Bouleau, 1981, 42).

Parafraseando o mesmo autor, o círculo, que remonta à mais alta antiguidade, percorre os mosaicos romanos, bizantinos, os tecidos do Egito e do Oriente, vindo a destacar-se nos quadros circulares (*tondos*) da Itália renascentista, tais como: *A Virgem da Cadeira* (1515) de Rafaello de Sanzio; *A Sagrada Família* de Piero di Cosimo (c.1500); *A Virgem e São José* (1487-88) de Luca Signorelli (*idem*, 38), entre outros. Ainda acerca da análise das mesmas obras renascentistas (*tondos*), Bouleau explica: «elas são traçadas com a ponta do compasso, as linhas de perspetiva seguem os diâmetros que se intersetam no centro do círculo, concretizando assim, a identificação da perspectiva e da composição» (*ibidem*).

Com estas referências aproximamo-nos do estudo e do desenho "Mapa da Memória (MEMÓRIAS) da "Medalha Equídea". O centro da medalha situa-se na parte superior da

circunferência que delimita a semiesfera da espádua e do osso cúbito esquerdos do cavalo, tangente ao diâmetro horizontal que une as pequenas semiesferas dos marcadores 9 e 21 horas e 3 e15 horas. O membro anterior direito, em perspectiva, mais curto e mais afastado, marca as horas; o ponteiro dos minutos é indicado pelo membro anterior esquerdo, mais longo e mais próximo do observador. Na leitura do relógio, implícito na medalha, verificamos que a sua marcação revela serem as 4 ou 16 horas e 27 minutos. Esta leitura é ensombrada pelo cilindro estreito e longo, na diagonal, que ultrapassa o limite da medalha e estabelece um contraponto com a cabeça do cavalo, levando-nos a visualizar um salto de obstáculos.

No estudo do artista, no lado esquerdo, vemos como Espiga anotou a palavra quadrado, sublinhando-o como princípio ordenador do projecto. O quadrado inscreve o círculo, a forma do estudo e da medalha, que não sendo visível, é estruturante na composição.

O estudo para esta obra-medalha é rico em notas relativas ao processo de cunhagem e em registos do autor quanto aos temas nele implícito: salto; moedas; relógio; rotas; ligação de moedas (?); sistema decimal; 100 (100%?); o tempo/relógio. Toda a composição se rege à volta do ponto central do círculo (no estudo e na medalha), em arcos concêntricos, em relevo ou em vazio. Na parte superior, mais à esquerda, os círculos repetem-se num crescendo, do menor para o maior; outros círculos concêntricos, na parte superior, são dispostos sobre os raios que partem do centro da composição. Destaca-se também a existência de secções de raios no lado superior esquerdo e no lado inferior direito que envolvem o marcador de horas a indicar as 4 ou 16 horas, numa enigmática alusão. No caso desta obra, como já anotámos, é singular a referência ao sistema decimal, ao número 4 correspondente ao quadrado, que por sua vez insere a figura do cavalo no triângulo, implícito, enfatizando o movimento. Este triângulo dinâmico está ligeiramente descentrado do centro: é composto por uma linha implícita que vai desde o extremo superior da cabeça do cavalo aos cascos das duas patas, mas que neste caso são também esferas. A existência de um conjunto de quatro esferas deixa-nos mais uma pista sobre o número quatro: na espádua, entre os dois membros dianteiros do cavalo vemos mais 4 esferas aproximadas que, na nossa interpretação, recriam um conjunto enfático acerca deste centro deslocado, mas, ainda, acerca de uma sensibilidade anímica incutida na beleza da figura, na plasticidade que revela o esforço dinâmico do animal. Espiga Pinto liga a expressão simbólica, a força dinâmica com a simbologia dos números, numa natureza conforme ao que Lima de Freitas versa sobre Almada Negreiros:

> *«O tempo compõe-se de números, bem como todo o movimento e acção e tudo o que lhe está sujeito;* […] *«Todas as espécies que há na Natureza, e acima dela, dependem de certos números, o que faz dizer a Pitágoras que tudo é composto de números»; estas afirmações são apoiadas por citações dos pitagóricos, dos cabalistas e ainda por alusões ao Apocalipse de S. João*» (Freitas: s. d., 95-6)

Numa observação mais detalhada do estudo inédito para a medalha equídea, damos conta das menções: "Estudo de xilogravura, Estudo de medalha, Espiga, 87" (canto inferior direito). Na impossibilidade de visualizar a xilogravura, salientamos a serigrafia de 1989 (Fig. 3), com a mesma gramática visual, na qual se identifica a seguinte frase: "Mapa da Memória Lusíada, Canto II" (ao centro, parte inferior). Como o artista refere: «*Lembro o encanto que a leitura dos Lusíadas, me deu na minha adolescência* (Espiga:1994, 36).

Fig. 3 - Espiga Pinto, *S/ Título*, 1989. Serigrafia. Mancha: 34x34 cm. Suporte: 50x35 cm. Ref.: EX1016. Fonte: Centro Português de Serigrafia.

Espiga evoca as raízes portuguesas na sua dimensão mais profunda, como o fizeram Almada Negreiros e Lima de Freitas nas suas obras. Pegar no compasso (objeto com representações muito antigas) é tentar reconstruir o universo através de esferas concêntricas, observar, criar uma ordem para unir a terra ao cosmos; intersectar a perspectiva metafórica sobre a relação entre o uno, o triângulo e o quadrado, como refere Lima de Freitas:

> *Em matéria de geometria qualitativa, de geometria sagrada, a concordância das representações simbólicas é igualmente digna de nota, já que se descobrem estreitos parentescos em culturas histórica e geograficamente afastadas umas das outras* (Freitas: s. d., 118)

À geometria e metamorfose da forma da "medalha equídea", Espiga acrescenta uma singular intensidade telúrica: a intemporalidade da obra é transversal a territórios simbólicos e, simultaneamente, cria ritmos de ligação à vida: o ânimo que pulsa num cavalo é recriado num compasso rítmico-sensível, pujante, de uma beleza nobre, mas vertiginosa. Para além de uma memória de infância, a figura do cavalo é bem representativa dessa força, de uma matriz da sua criação solar. Portanto, a beleza da figura é inscrita numa ordem que versa como os planos do céu são vistos desde a terra e ainda como há outros por ver ou que se conformam ao infinito, ao que se perde da nossa vista.

Ana F. Cravo e Conceição Cordeiro
Vila Viçosa, 25 de setembro de 2022

Fontes e Bibliografia

BOULEAU, Charles (1981(1963)). *Charpentes : La Géométrie Secrète des Peintres*. Paris : Éditions du Seuil.

CARRATELLI, Giovanni Pugliese (2001) *Le Lamine d'Oro Orfiche. Instruzioni per il Viaggio Oltremondo degli Iniziati Greci*, trad. do original de Adelphi: *Le Lamine d'Oro Orfiche* p.40-1. Milão: Biblioteca Aberta (openlibrary.org).

ESPIGA, José (1994) *Espiga 50 anos de Expos Individuais 1955-1994.* Vila Viçosa: Edição do Autor. ISBN:972/96477-0-4.

FREITAS, Lima de (s. d.). *Pintar o Sete. Ensaios sobre Almada Negreiros, o Pitagorismo e a Geometria Sagrada*. Livro 1. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

FREITAS, Lima de (1977) *Almada e o Número*, introd. e prefácio. Lisboa: Arcádia.

GHYKA, Matila, C., (1983) *Estética de las Proporciones en la Naturaleza y en las Artes*. Barcelona: Editorial Poseidon.

GOETHE, J.W. (2022) *A Metamorfose das Plantas*, trad. posfácio notas e apêndices de Maria Filomena Molder. Lisboa: Edições de Saguão.

Os Lusíadas de Luís de Camões (2000) Leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. 4.ª ed., Lisboa: Instituto Camões.

PEREIRA, Miguel (s.d.) *O Traço Divino. A Geometria como Instrumento de Sacralização do Espaço na Igreja de Santa Maria Maior.* Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. https://docplayer.com.br/64622873-O-traco-divino-a-geometria-como-instrumento-de-sacralizacao-do-espaco-na-igreja-de-santa-maria-maior.html Disponível em 23-9-2022.

PLATÃO (2002) *Ménon*, trad. do grego e notas de Ernesto Gomes, estudo introdutório de José Trindade dos Santos Lisboa: Edições Colibri.

TRINDADE DOS SANTOS, José (1992) *Antes de Sócrates. Introdução ao Estudo da Filosofia Grega*, 2ª ed. revista. Lisboa: Gradiva.

Ano Internacional dos Oceanos
(Expo'98), 1998. Moeda. 1000$00 Escudos, Prata, Ø 40 mm.

Passarola de Bartolomeu de Gusmão
(Série Europa: Realizações Europeias, 2007. Moeda. 8 Euro, Prata, Ø 36 mm.

Luís de Camões
(Série Portugal Universal), 2010. Moeda. 0.25 Euro, Ouro, Ø 14 mm.

XX Aniversário da Série Ibero-Americana, 2012. Moeda. 10 Euro, Prata, Ø 40 mm.

Viriato, Rei dos Lusitanos
(X Série Ibero-Americana), 2015. Moeda. 7,5 Euro, Prata, Ø 33 mm.

ESPIGA (de viçosa): moedas e medalhas

Alguns homens limitam-se a cumprir aquilo que lhes é incumbido, respondendo mecanicamente, sem alma, habituados que estão a fórmulas de sucesso. Outros, inconformados, questionam-se infinitamente, numa metamorfose contínua, inspirada pela eterna novidade da paisagem. É esse o caso do escultor Espiga Pinto, cujo entusiasmo de construção se reflete, também, nas moedas e medalhas, para as quais transportou imagens de uma infância marcante, iluminada por uma gramática vincadamente rural, enriquecida pela descoberta da geometria sagrada e por um assumido fascínio pelo cosmos.

Carregado com um cavalete de pintura, instrumento que fabricou com as próprias mãos, deambulou pelas ruas de Vila Viçosa, terra que o viu nascer, observando atentamente o que o rodeava. No princípio era o Homem (pastores, ceifeiras, cocheiros, canteiros – comunicação, gestos, escrita e palavra), depois o Trabalho (carroças, cavalos e ovelhas – movimento, impulso e resistência), seguindo-se a Razão (a arquitetura do universo, o desígnio) e, por fim, o Sonho (do pensar e do sentir). E da leitura dessa tela universal, sem princípio nem fim, transformou a sua expressão exterior num lugar de um só criador de formas geométricas e orgânicas.

Sendo o bronze um dos seus materiais de eleição e o círculo a figura projectada da esfera, forma suprema de perfeição, Espiga encontrou na Medalha um meio fértil para praticar a sua arte. Começa, então, com a produção de uma peça de autor, reproduzindo elementos de *Apresentação do Cavalo* (Fig. 1) ou de *Camponesa*, serigrafias de 1979. Chegam depois as primeiras encomendas a que responde com uma nova aurora, gravada com o levantar do edifício-sede da ANA Aeroportos de Portugal. Do estudo da via cósmica e da leitura dos corpos celestes, resultam campos rigorosamente segmentados onde gravitam calotas brilhantes, padrões divinos, linhas concêntricas, componentes que combinou com a memória das suas raízes, como acontece na *Medalha da Sociedade Financeira Portuguesa* (1987), onde o torso de um corcel irrompe de um vórtice, em redor do qual habitam vários círculos, linhas e pontos. Sobre a pata do animal, encaixa ainda uma espécie de lança que define o espaço e o tempo.

Confrontado com a monocromia do metal, procurou ultrapassar a bidimensionalidade, entrando assim na esfera da "Medalha-Objeto", recorrendo ao uso de formas côncavas e convexas, aos planos verticais, dobras, recortes, superfícies espelhadas e eixos rotativos, exercitando constantemente a relação com a escala da mão. Salta à vista o paralelismo de trabalhos executados em simultâneo para várias disciplinas, método que marca de forma significativa as suas medalhas, muitas vezes complementadas por serigrafias, murais, esculturas ou troféus, como são exemplo o do Prémio *Espírito Desportivo de Oeiras* (1989), o *Mural do Hospital de Abrantes* (1995), a escultura *Dama e o Cisne* (1995) ou a *Regata Tall Ship's Race* (2006). Todas estas obras foram concebidas em dois planos, duas dimensões e dois materiais (o bronze e o acrílico) que resultam em soluções notáveis, desafiando as limitações técnicas impostas pela arte da gravura

numismática. O mesmo acontece com as "Medalhas de Prémio", para as quais preparou pedestais em pedra mármore, amplificando e enaltecendo a peça, que passa a adotar uma posição suspensa, pairando perante os olhos o espectador.

O lusitanismo marca também a sua obra, sobretudo nas moedas que idealizou e que lhe valeram vários prémios. Os Descobrimentos, tema recorrente na numismática portuguesa; Luís Vaz de Camões, com um colarinho de letras e o corpo transformado numa ninfa alada; o balão aerostático do padre Bartolomeu e por último Viriato, rei dos lusitanos, parecem ter sido selecionados propositadamente para o escultor que há muito vinha trabalhando esta temática nos seus *Mapas da Memória e do Futuro*, como que almejando prender uma ideia, um espaço sem tempo, invisível mas palpável. Desejou-o e conseguiu-o com a medalha alusiva a *José Marinho* (2005), uma "caixa de pensamento" transparente, protegida por dois escudos de aço inoxidável, onde estampou uma espiral, a forma geométrica escolhida pelo filósofo José Marinho para «designar o pensamento fecundo, que a um tempo se expande, para tudo abarcar, e se fecha, para desse todo fazer unidade» (ESPIGA, Memória descritiva da *Medalha José Marinho*).

Da invenção da Roda à conquista do Espaço, hoje falta-nos Espiga, as suas ideias e o carácter inédito das suas criações.

A exposição que o Centro de Estudos (CECHAP) agora apresenta, com a presença de todas as moedas e medalhas da sua lavra, põe em evidência a genialidade construtiva de uma artista ímpar, de espírito inquieto que se posicionou no baricentro da medalhística portuguesa.

Carlos Andrade Pernas
CECHAP

Fig. 1a – Espiga. *Apresentação do Cavalo*, 1979. Serigrafia. Mancha: 93x60,5 cm. Suporte: 100x70 cm. Fonte: Coleção particular.

Fig. 1b – Espiga, *Escultor, Pintor 25 Anos de Exposições Individuais* (anverso e reverso da medalha) 1980. Prata, Ø 43 mm. Fonte: coleção do autor.

Fig. 2a - Espiga, *Oval Interceptada*, 1973. Serigrafia. Mancha: 70x52 cm. Suporte: 80x62 cm. Ref.: 1616373008, lote 3008. Fonte: Oportunity Leilões.

Fig. 2b - Espiga, *Associação Nacional de Jovens Empresários* (anverso e reverso da medalha) 2008. Bronze. Fonte: cortesia IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação.

Fig. 3a - Espiga, *Dama e Cisne*, 1994. Escultura em bronze e pedra, 3,5 m. de altura. Jardim Almirante Gago Coutinho, Santo Amaro de Oeiras.

Fig. 3b - Espiga, *Câmara Municipal de Oeiras – Dama e Cisne* (anverso da medalha) 1995. Bronze, Ø 80 mm. Fonte: coleção escultor João Duarte.

Fig. 4 – Espiga, *Centenário do Nascimento de José Marinho* (anverso da medalha) 2005. Alumínio e Acrílico, Ø 90 mm. Fonte: coleção escultor João Duarte.

OBRAS EXPOSTAS

Moedas

1	Ano Internacional dos Oceanos (Expo'98), 1998	Prata, Ø 40 mm
2	Passarola de Bartolomeu de Gusmão (Série Europa: Realizações Europeias, 2007	Prata, Ø 36 mm
3	Luís de Camões (Série Portugal Universal), 2010	Ouro, Ø 14 mm
4	XX Aniversário da Série Ibero-Americana, 2012	Prata, Ø 40 mm
5	Viriato, Rei dos Lusitanos (X Série Ibero-Americana), 2015	Prata, Ø 33 mm

Medalhas

6	25 anos de Exposições individuais do escultor Espiga Pinto, 1980	Prata, Ø 43 mm
7	Inauguração do novo edifício sede da ANA Aeroportos de Portugal, 1983	Bronze, Ø 80 mm
8	Aeroporto de Faro, 1983	Bronze, Ø 80 mm
9	CEMT - 57.ª Sessão da Conferência Europeia dos Ministros dos Transportes, 1983	Bronze, Ø 80 mm
10	Natal, 1984	Bronze
11	Instituto Superior de Educação Física - Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, 1984	Bronze
12	Escola Técnica dos Serviços de Saúde de Lisboa, 1985	Bronze, Ø 80 mm
13	Natal, 1985	Bronze, Ø 80 mm
14	Aeroporto de Faro, s/d (1985)	Bronze, 75x75mm
15	SORES, Sociedade de Refinadores, de Santa Iria, 1985	Bronze
16	Anos do Aeroporto de Faro, 1985	Bronze, 75x75 mm
17	Antena EUTELSAT -SINTRA IV da MARCONI, 198520	Bronze, Ø 80 mm
18	Conferência da Org. Mundial de Saúde e Dirc. Regional de Saúde, 1986	Bronze, 80x80 mm
19	Embaixada do Canadá em Paris, 1987	Bronze
20	Sociedade Financeira Portuguesa, 1987	Bronze, 100 mm
21	Medalha de Mérito da Administração do Porto de Lisboa, 1987	Cobre, Ø 40 mm
22	60 Anos dos Laboratórios JABA, 1987	Bronze, 80x80 mm
23	I Feira das Indústrias da Cultura, 1988	Bronze, Ø 80 mm
24	I Congresso de Saúde dos Açores, 1988	Bronze, 75x75 mm
25	I Encontro Nacional de Profissões Liberais, 1989	Bronze, 80 mm
26	Inauguração do Centro de Saúde do Nordeste, Açores, 1989	Bronze, 80 mm

27	Dia do Porto de Lisboa, 1989	Bronze, Ø 80 mm
28	Prémio ao Espírito Desportivo, Oeiras, 1989	Bronze, Ø 80 mm
29	100º aniversário dos Bombeiros de Colares, Sintra, 1990	Bronze, Ø 80 mm
30	Bombeiros de Colares, 3º Torneio Inter-Escolas, 1990	Bronze, Ø 80 mm
31	Centenário da Banda Filarmónica dos Bombeiros de Colares, 1991	Bronze, 80 mm
32	II Congresso de Saúde dos Açores, 1991	Bronze, Ø 80 mm
33	Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, 1991	Bronze, Ø 80 mm
34	Auto-Estrada da Costa do Estoril – A5, 1991	Bronze, Ø 80 mm
35	BRISA - Auto-Estrada do Norte/ Lisboa – Porto, 1991	Bronze, Ø 80 mm
36	10 Anos SOCONSTROI - Cascais, 1993	Bronze
37	1.º Centenário do nascimento de Florbela Espanca, 1994	Bronze, Ø 80 mm
38	10.º aniversário do Hospital de Abrantes, 1995	Bronze, Ø 80 mm
39	Câmara Municipal de Oeiras, alusiva à estátua *Dama e o Cisne* (Lenda de Linda-a-Velha), 1995	Bronze, Ø 80 mm apróx.
40	25 anos do IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, 1995	Bronze, Ø 80 mm
41	Grupo EDP, 1995	Bronze, Ø 80 mm
42	BRISA - Auto-Estrada Borba, Estremoz e Elvas, 1999	Bronze, Ø 80mm
43	BRISA - Auto-Estrada A2 SUL, 2000	Bronze, 85 mm
44	Centenário do nascimento de José Marinho, 2005	Alumínio e Acrílico, Ø 90 mm
45	50º aniversário da Regata *Tall Ship's Race*, 2006	Bronze, Ø 80 mm
46	Associação Nacional de Jovens Empresários, 2008	Bronze, Ø 80 mm
47	Luís de Camões, 2010	Prata, Ø 40 mm
48	Lenda de Linda-a-Velha, Câmara Municipal de Oeiras, 1998	Bronze, Ø 80 mm

Troféus

49	ANA Aeroportos de Portugal, 1987	Bronze
50	XI Festival de Cinema da Figueira da Foz - Prémio Glauber Rocha, 1982	Bronze e Mármore
51	Prémio ao Espírito Desportivo, Oeiras, 1989	Bronze e Acrílico
52	Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, 1991	Bronze e Mármore
53	50.º aniversário da Regata *Tall Ship's Race*, 2006	Bronze e Acrílico

Estudos Inéditos

54	Estudos p/ medalha, Inauguração do novo edifício sede da ANA Aeroportos de Portugal, 1982	26,7 x 21 cm
55	Estudos p/ medalha, CEMT - 57.ª Sessão da Conferência Europeia dos Ministros dos Transportes, 1983	64,6 x 20 cm
56	Estudos p/ medalha, CEMT - 57.ª Sessão da Conferência Europeia dos Ministros dos Transportes, 1983	64,6 x 17,9 cm
57	Estudos p/ medalha, SORES, Sociedade de Refinadores, de Santa Iria, 1985	60,9 x 43,3 cm
58	Estudos, Coro de Santo Amaro de Oeiras, 1985	22 x 9 cm
59	Estudos p/ medalha, Antena EUTELSAT -SINTRA IV da MARCONI, 1984/85	61,5 x 42,9 cm
60	Estudos p/ medalha, Sociedade Financeira Portuguesa, 1987	42 x 29,7 cm
61	Estudos p/ Troféu XI Festival de Cinema da Figueira da Foz - Prémio Glauber Rocha, 1982	72,5 x 45 cm
62	Estudos p/ Troféu ANA Aeroportos de Portugal, 1987	28 x 35 cm
63	Estudos p/ medalha, 60 Anos dos laboratórios JABA, 1987	72,4 x 55 cm
64	Estudos p/ Troféu-Prémio ao Espírito Desportivo, Oeiras, 1989	70 x 50 cm
65	Estudos p/ medalha, Centenário da Banda Filarmónica dos Bombeiros de Colares, 1991	22 x 8,9 cm

Espiga, *Prémio Municipal de Espírito Desportivo*, *Oeiras*, 1989.
Bronze e Acrílico. Foto: Museu Nacional do Desporto. Nº inventário: MND.00495.

© 2022 *Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Patrimónios – CECHAP*

Organização

CECHAP
CENTRO DE ESTUDOS DE CULTURA, HISTÓRIA, ARTES E PATRIMÓNIOS

FUNDO de NUMISMÁTICA
LUÍS PINTO GARCIA

AQUI D'EL ARTE
GALERIA

Apoio

Vila Viçosa
Câmara Municipal

Parceiros

FLUL FACULDADE DE LETRAS

ARTIS
INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

POLITÉCNICO DE PORTALEGRE

ESPAÇO VOLTE FACE MEDALHA

Associação Numismática de Portugal

MOEDA
REVISTA PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA, MEDALHÍSTICA E NOTAFILIA

MEDALHAS PORTUGUESAS
.WORDPRESS.COM

Fórum Numismatas

Um projecto

ARTES & LETRAS
ALENTEJO

Cofinanciado por

ALENTEJO 2020

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Centro de Estudos CECHAP / 2022

Galeria Aqui D'El Arte / Av. Duques de Bragança, n.º 4 / 7160-209 Vila Viçosa